

# Ministros longe dos palanques

Preocupação é evitar que as questões regionais abalem a base parlamentar do Governo

Catia Seabra, Laura Antunes e Rodrigo França Taves

PETRÓPOLIS

O presidente Fernando Henrique Cardoso exigirá dos ministros que se mantenham à margem das eleições municipais de outubro e que fiquem longe de palanques. Segundo o governador Marcello Alencar, a quem o presidente contou sua decisão, Fernando Henrique já determinou ao ministro das Comunicações, Sérgio Motta, que não assuma a presidência do PSDB, como pretendia. Ele considera inconveniente que um ministro presida um partido político num ano eleitoral.

— O presidente disse que o Governo dele não pode se comprometer com eleições municipais. O Governo depende de um conjunto de forças políticas para encaminhar as reformas e não pode enfraquecer suas alianças — disse Marcello, que convocou entrevista coletiva pouco depois que o presidente embarcou de volta para Brasília, encerrando a visita de três dias a Petrópolis.

Segundo o governador, nas eleições municipais se formam as mais diferentes alianças, nem sempre parecidas com a base do Governo no Congresso. Num ano eleitoral, se os ministros entrarem na campanha, os candidatos dos partidos governistas se sentirão no direito de reivindicar o apoio deles, o que acabaria provocando problemas para a aprovação das reformas.

— Compreendo a atitude do presidente. Se um ministro interferir no processo eleitoral, vai imediatamente receber censuras. Pega mal, principalmente quando se precisa de todos os aliados para a aprovação das reformas — disse Marcello. Ele garantiu que Fernando Henrique, durante toda a estada em Petrópolis, não comentou outro assunto sensível num ano eleitoral: o da reeleição para presidente. Fernando Henrique desconversou até quando Marcello tocou no assunto durante a solenidade de premiação de empresas fluminenses promovida pela Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan), na sexta-feira.

— Eu é que de vez em quando brinco com ele sobre isso. Esse é um problema que vai ficar na agenda política durante os próximos quatro anos de mandato — comentou o governador.

Embora o presidente queira o Ministério fora da campanha, Marcello disse que, no seu caso, vai participar ativamente das eleições municipais no estado, apoiando os candidatos tucanos.

— O presidente tem o problema das reformas. Não é o meu caso. Acho que,



AO LADO do prefeito Sérgio Fadel e de dona Ruth, Fernando Henrique acena antes de embarcar no helicóptero que o levou ao Galeão

se você é eleito, assume a liderança do partido. Na hora da luta política, vai ficar de fora? Não. Só não vou usar a máquina do estado — comentou.

O governador garantiu que não fará opção entre os quatro pré-candidatos do PSDB à Prefeitura do Rio: o secretário de Indústria e Comércio, Ronaldo

Cezar Coelho, os deputados Márcio Fortes e Sérgio Cabral Filho e o senador Arthur da Távola. Ele acha que o sucesso de Ronaldo na organização da visita do presidente não terá influência na escolha do candidato.

— Ronaldo está cumprindo as tarefas da secretaria com eficiência, mas não é

por ser secretário que justifica opções numa hora dessas. Saí de um partido onde havia um dono e não vou fazer o mesmo. Vou deixar que flua essa disputa no âmbito do partido. Cada um dos candidatos tem um mérito especial. Não está na hora de me manifestar — afirmou.

Marcello também analisou os adversários dos tucanos. Ele disse que o PT é muito fraco no estado. No Rio, segundo ele, tem poucas chances de chegar ao segundo turno, a não ser que a candidata seja a senadora Benedita da Silva:

— Quem é forte no PT é a Bené; qualquer outro chega em quinto. A Bené faz um estrago no primeiro turno, embora tenha poucas chances no segundo.

Na opinião do governador, o deputado Miro Teixeira (PDT-RJ) terá de “fazer muita ginástica para vencer as rejeições por ter sido ligado ao ex-governador Chagas Freitas” e ser o candidato do seu partido a prefeito do Rio.

Perguntado sobre uma possível aliança eleitoral com o prefeito César Maia (PFL), Marcello disse que as coalizões devem ser perseguidas, mas não a qualquer preço.

## Presidente nega acordo nuclear com a Índia

O presidente Fernando Henrique Cardoso negou, na noite de sábado, que haja entendimentos para a assinatura de um acordo nuclear com a Índia, para onde viaja hoje.

— Não houve acordo nenhum. Não há nada disso — repetiu, para acrescentar depois:

— Sou contra a utilização de qualquer coisa nuclear.

Fernando Henrique esclareceu que os acordos com a Índia são “puramente científicos”.

O ministro da Ciência e Tecnologia, Israel Vargas, também negou que o Brasil e a Índia pretendam assinar um acordo nuclear. Segundo Israel, o assunto não será sequer discutido por Fernando Henrique com as autoridades indianas durante a viagem.

— O programa da visita à Índia não incluiu a assinatura de nenhum acordo e nem mesmo discussão sobre questões nucleares — disse o ministro.

Segundo Israel Vargas, a agenda de Fernando Henrique prevê a assinatura de acordos de cooperação científica, conforme debates realizados recentemente em seminário no Rio, organizado pelo Instituto de Pesquisa do Itamaraty. O ministro destacou já estar acertada uma série de palestras no Brasil e na Índia, que acontecerá este ano.

Deverão ser realizados seis seminários sobre Biotecnologia (em Agricultura e Saúde), Ciências Oceânicas, Ciências Materiais, tecnologias na área social, além de Saúde e Farmácia. As sugestões que resultarem desses debates poderão servir para futuros acordos do Brasil com a Índia. Questões nucleares, de acordo com o ministro, também estão fora deste ciclo de debates.

Gabriel de Paiva